

O MANEJO DOS SONHOS NA PSICOTERAPIA PSICANALÍTICA

BISSOLI, Sidney da Silva Pereira
Faculdade de Ciências da Saúde – FASU / ACEG
Prefeitura Municipal de Garça – SP
Mestrando em Filosofia da Psicanálise – UFSCar

RESUMO

Este trabalho inicia com uma breve revisão bibliográfica sobre a concepção dos sonhos no interior da obra freudiana, a partir de dois eixos: teórico e prático. Em seguida, é apresentada uma vinheta clínica, no intuito de estabelecer relações entre a teoria e a prática da interpretação de sonhos, de um ponto de vista psicanalítico.

Palavras-chave: sonhos; Psicanálise; psicoterapia psicanalítica; Freud.

Tema Central: Psicologia.

ABSTRACT

This issue begins with a brief bibliography revision about dream's conception in Freudian's work, through two directions: theoretic and practical. Continuing, it is presented a clinic relate, to establish relations between theory and practice of dream's interpretation, through a psychoanalytical point of view.

Key-words: dreams; Psychoanalysis; psychoanalytic psychotherapy; Freud.

1. INTRODUÇÃO

Apesar de ter escrito aproximadamente 27 trabalhos que trataram sobre a questão dos sonhos, o principal deles continua sendo "A Interpretação dos sonhos" (1900). Um ano após a publicação deste trabalho, Freud escreveu um resumo do mesmo, "Sobre os sonhos" (1901), e é este que será brevemente comentado aqui.

Neste momento da elaboração freudiana, as bases da teoria dos sonhos foram praticamente todas lançadas: a diferença entre o conteúdo manifesto do sonho e os pensamentos oníricos latentes; a tese dos sonhos como realizações de desejos recalcados (em sua

maior parte, eróticos); os sonhos como formação de compromisso entre duas instâncias psíquicas (consciente e inconsciente); os mecanismos de deslocamento e condensação como parte do trabalho do sonho; a livre associação como método de desvendar os sonhos; etc..

Em 1911, no trabalho "O manejo da interpretação de sonhos na Psicanálise", Freud alerta os psicanalistas que a arte da interpretação de sonhos não deve ser o objetivo maior do psicanalista. Acima disso, encontra-se a regra da livre associação de idéias. Assim, a análise dos sonhos é apenas um dentre os instrumentos que o psicanalista tem à sua disposição. Alguns preceitos técnicos são apontados: o sonho não precisa ser interpretado completamente em uma sessão, caso não haja tempo, e tampouco a análise do sonho deve ser retomada na sessão seguinte, em caso de interpretações não-acabadas. Outro recado importante é que a apresentação abusiva de sonhos pelo paciente, ao analista, longe de ser um sinal de colaboração, pode ser uma forma de resistência. Diante de tantos sonhos, o analista pode se ver perdido, sem saber o que fazer com todo o material.

Em "Observações sobre a teoria e a prática da interpretação de sonhos" (1923 [1922]), Freud apresenta quatro procedimentos distintos para se analisar os sonhos dos pacientes: a) solicitar associações aos elementos do sonho na ordem em que eles aparecem no relato; b) iniciar o trabalho de interpretação a partir de algum elemento específico do sonho, apanhado de seu meio; c) desprezar o conteúdo manifesto e perguntar ao sonhador a respeito dos acontecimentos do dia anterior associados em sua mente com o sonho que descreveu; d) se o sonhador já estiver familiarizado com a técnica de interpretação, deixá-lo decidir com que associações o sonho irá começar.

Após essa breve revisão bibliográfica, será apresentado um sonho de uma paciente, relatado em uma sessão analítica, de modo a estabelecer relações entre a teoria e a prática da interpretação de sonhos.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O material a ser apresentado foi colhido de uma sessão de psicoterapia psicanalítica. As sessões ocorriam duas vezes por semana, e tinham duração de 50 minutos cada. O registro do material não foi feito durante sua ocorrência, para não interromper o processo de atenção flutuante do psicoterapeuta. Assim, o material foi registrado logo após o término da sessão. Para a compreensão deste material, e para os propósitos deste artigo, é dispensável qualquer identificação do paciente em questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A paciente inicia a sessão contando-me um sonho:

Paciente (P): "Eu sonhei com você. Sonhei que você estava pelado, meio de lado, e que você estava chorando, com o rosto todo vermelho".

Terapeuta (T): O que aconteceu ontem contigo, que se relaciona com o que você sonhou?

Abramos um pequeno parêntese. Retomando as considerações da Introdução deste trabalho, Freud (1922 [1923]) estabeleceu quatro formas, já descritas, de se abordar, na prática, a análise de um sonho. O psicoterapeuta, aqui, optou pela abordagem descrita no item "c".

Retornando à sessão, em um primeiro momento, a paciente não associa o sonho a nada que tivesse acontecido, chocada com o que havia me contado. Esta reação psíquica é fruto do trabalho da resistência. Como foi afirmado, o sonho é uma formação de compromisso. Enquanto uma instância psíquica esforça-se por expressar os desejos não-satisfeitos, a outra esforça por bani-los da consciência. Mas, em seguida, vem uma idéia à mente dela:

P: Bom, ontem, quem estava muito deprimida era eu.

T: Você pode estar me contando que gostaria de se abrir mais para mim. Talvez não esteja conseguindo se abrir como gostaria.

É interessante reparar que, no conteúdo manifesto do sonho, o psicólogo simbolizava a própria paciente. Continuando, surpreendentemente, a sessão se reveste de sentido, e um diálogo vivo se inicia entre paciente e psicoterapeuta:

P: Tem a ver mesmo isso o que você está falando. Tem coisas que eu contava para o meu psicólogo anterior, e que eu não consigo contar para você. Eu tenho vergonha.

Reparemos que o sentimento de vergonha é expresso alusivamente no conteúdo manifesto do sonho, através do rosto que estava vermelho. Poderíamos ter chegado ao sentimento de vergonha, a partir das associações da paciente em relação ao elemento "rosto vermelho". No entanto, alcançamos este aspecto da vida emocional da paciente a partir um caminho diferente.

A paciente continua:

P: O meu psicólogo anterior é mais velho, eu conseguia falar algumas coisas para ele... você, parece que é mais jovem até do que eu! Eu fico com medo de você não levar a sério o que eu falo, de você rir de mim, não acreditar em mim...

Aqui, aparece outro mecanismo da elaboração onírica, que é interessante que nos detenhamos por um instante. No trabalho "A Interpretação de Sonhos" (1900), Freud nos comunica acerca da "transformação no contrário". Através deste mecanismo, a afirmação, por exemplo, pode ser expressa pela negação. No caso aqui relatado, no conteúdo manifesto do sonho, o psicólogo aparece chorando. No entanto, o medo que a paciente sentia é do psicólogo rir da cara dela, não a levando a sério. Em outras palavras, o riso irônico do psicólogo foi substituído pelo choro desesperado. E, surpreendentemente, somos obrigados a aceitar o fato de que o personagem que está pelado neste sonho, não apenas simboliza a própria paciente, como também o psicoterapeuta. Através do mecanismo da condensação, dois personagens passam a ser representados em um só. É devido a este mecanismo que os pensamentos oníricos latentes são bem mais extensos do que o conteúdo manifesto do sonho.

A sessão continua, a paciente pode falar, então, de sua própria mãe, que não a levava a sério, chamava-a de burra, fazia com que

ela passasse por humilhações. A paciente demonstra, com suas próprias palavras, a clássica tese psicanalítica de que a relação transferencial com o psicoterapeuta reproduz padrões de relacionamento arcaicos vividos com as figuras parentais e, principalmente, com a mãe.

Psicólogo e paciente também podem conversar sobre no que a diferença de idade entre o seu psicólogo atual e o seu psicólogo anterior, e entre o seu psicólogo atual e ela própria, interferem no trabalho, até que a interpretação mais óbvia para o sonho em questão também pode ser trabalhada: não apenas a paciente pretende se abrir mais para o psicólogo, como ela também deseja conhecer mais essa pessoa que vem trabalhando com ela há algum tempo. Nesse sentido, queixa-se de que ela o conhece muito pouco, que ela não sabe onde o psicólogo mora, quantos anos ele tem, o que ele faz aos finais de semana que ela nunca o encontra, e assim por diante.

Através desta apresentação, podemos perceber que alguns elementos do sonho não foram interpretados, como, por exemplo, o fato de o personagem do sonho ser visualizado “meio de lado”. Isto não se configura em transgressão técnica, pois, tal como apontado por Freud (1911), mais importante do que a interpretação completa do sonho, é a livre associação de idéias.

4. CONCLUSÕES

Através da análise deste material, creio ter demonstrado como os sonhos podem ser manejados na prática psicanalítica, e, principalmente, apresentado algumas relações entre a teoria e a prática da interpretação de sonhos, principalmente no que concerne a conceitos, como: condensação; transformação no contrário; conteúdo manifesto; conteúdo latente; resistência e formação de compromisso.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. (1900). A interpretação de sonhos. In: **Obras psicológicas**

completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. 4, 1996.

_____. (1900). A interpretação de sonhos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. 5, 1996.

_____. (1901). Sobre os sonhos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. 5, 1996.

_____. (1911). O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. 12, 1996.

_____. (1923 [1922]). Observações sobre a teoria e a prática da interpretação de sonhos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, v. 19, 1996.